

O Advento da Cafeicultura e a Estrutura da Posse de Escravos (Bananal, 1801 - 1829)

JOSÉ FLÁVIO MOTTA

Resumo

Este trabalho analisa a evolução da estrutura da posse de escravos em Bananal-SP em meio à fase inicial do desenvolvimento cafeeiro naquela região, com base nas listas nominativas de habitantes, em especial as de 1801, 1817 e 1829. Procura-se, pois, captar os efeitos daquele desenvolvimento sobre os padrões de distribuição da propriedade escrava. Adicionalmente, delineiam-se algumas das características da população cativa acompanhando-se, outrossim, o seu evoluir no decurso do período considerado. Verifica-se que, num primeiro momento, a difusão da cafeicultura aparentemente contribuiu para a conformação de um ambiente propício à proliferação dos escravistas de menor porte. Com o tempo, porém, a atividade cafeeira dá mostras de evoluir decididamente no sentido de uma agricultura de *plantation*. Concomitantemente a essa evolução, alteram-se as características demográficas da população cativa: aumenta a importância dos escravos homens, dos africanos e daqueles em idade produtiva, bem como dos cativos solteiros.

Palavras-chave: estrutura da posse de escravos, cafeicultura, história demográfica, demografia escrava, escravismo, listas nominativas.

Abstract

This work analyses the evolution of the slaveholding structure in Bananal, São Paulo, during and under the effects of the development of coffee plantation, based on manuscript censuses, specially for the years 1801, 1817 and 1829. It underlines some characteristics of the slave population, following their evolution along that period. It concludes that, at first, the dissemination of the coffee cultivation seems to have contributed to create an environment that favoured the proliferation of smaller slaveholders, but as time went on, the coffee economy developed towards a plantation-type of agriculture. Concomitantly, the demographic characteristics of the slave population changed, with increasing shares of male slaves, africans, slaves in productive age brackets and the single.

Key words: slaveholding structure, coffee plantation, demographic history, slave demography, slavery, manuscript censuses.

Professor da FEA /USP.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo a análise da evolução da estrutura da posse de cativos na localidade valeparaibana paulista de Bananal ao longo das três primeiras décadas do século dezenove. Tal período correspondeu à fase inicial do desenvolvimento cafeeiro naquela região. Assim sendo, procurar-se-á captar os efeitos da ampla e rápida disseminação da cafeicultura então havida em Bananal sobre os padrões de distribuição da propriedade escrava. Adicionalmente, proceder-se-á ao delineamento de algumas das características possuídas pelos cativos, acompanhando-se, outrossim, o seu evoluir no decurso do período considerado.

As fontes primárias de que se faz uso neste estudo são as listas nominativas de habitantes, em especial as referentes aos anos de 1801, 1817 e 1829⁽¹⁾. A localidade analisada, cuja fundação remonta ao último quartel do século dezoito, constituiu, em 1801, a 6ª Companhia de Ordenanças da Vila de Lorena. Em 1817, por força da criação da Vila de Areias no ano anterior, a então Freguesia do Senhor Bom Jesus do Bananal compunha a 4ª Cia. de Ordenanças desta última vila. Por fim, em 1829, ainda pertencendo a Areias - pois Bananal só seria elevada à categoria de vila por decreto datado de 1º de julho de 1832 -, a Freguesia em questão abrangia as 5ª e 6ª Cias. de Ordenanças.

Estrutura da Posse de Escravos

Em 1801, eram 44 os plantéis de escravos existentes em Bananal⁽²⁾. Os 44 proprietários desses plantéis correspondiam a 15,2% do total da população livre com idade igual ou superior a 15 anos; possuíam, ademais, tomados conjuntamente, uma escravaria formada por 401 cativos, o que implica uma média de 9,11 escravos por proprietário. Essa média diminuiu para 8,35 em 1817 e elevou-se para 11,70 em 1829. Em 1817, um contingente de 1010 escravos dividia-se por um total de 121 plantéis, cujos senhores perfaziam 12,0% da população livre com 15 ou mais anos de idade. O porcentual correlato alçou-se a 21,6% em 1829;

(1) A respeito da metodologia aplicada na coleta dos dados presentes em tais fontes documentais, ver MOTTA (1985).

(2) Entende-se por plantel o grupo de escravos pertencentes a um mesmo proprietário.

eram, àquele ano, 195 os plantéis, pelos quais se distribuíam os 2282 cativos existentes na localidade ⁽³⁾

A evolução verificada no tamanho médio dos plantéis dá-se simultaneamente à disseminação, rápida e ampla, da cafeicultura em Bananal. Assim, enquanto que em 1817 26,6% da população livre e 63,9% dos escravos viviam em domicílios nos quais era anotada a produção da rubiácea, tal atividade não era sequer referida na lista nominativa concernente a 1801. De fato, embora não fosse inexistente na virada do século em Bananal, o cultivo do café atingia proporções muito modestas, conforme se constata nas listas nominativas relativas a 1799 e a 1802 onde são registradas, respectivamente, as produções de 9 e 40 arrobas do produto. A quantidade produzida da rubiácea eleva-se para 4049 arrobas em 1817 e 45572 arrobas em 1829. Neste último ano, 59,5% dos indivíduos livres e 89,0% dos cativos viviam em domicílios nos quais o café era produzido ⁽⁴⁾

O desenvolvimento da atividade cafeeira em Bananal, aliado à evolução demográfica marcada pela entrada maciça de escravos na região, apresenta-se, decerto, como um elemento condicionante do comportamento dos valores observados do tamanho médio dos plantéis ao longo dos anos selecionados para análise. Em uma primeira aproximação, tomando por base tais valores, seria possível aventar a hipótese de que o café, em um primeiro momento de sua introdução, aqui representado pelo período entre os anos de 1801 e 1817, teria contribuído para a configuração de uma distribuição mais igualitária da propriedade escrava - inclusive tendo em vista o perfil dessa distribuição entre a população livre que então chega à localidade -, conformando um movimento, o qual, no entanto, reverter-se-ia já entre 1817 e 1829.

A hipótese aventada vê-se corroborada, também, quando se atenta para os níveis de concentração da população cativa vivendo em plantéis formados por 10 ou mais escravos. Em 1801, 78,3% dos cativos locali-

(3) Contadas também as crianças menores de 15 anos, a população livre de Bananal igualava-se a 577 indivíduos em 1801, 1916 em 1817 e 1737 em 1829. Esse decréscimo havido entre 1817 e 1829 deveu-se, ao que tudo indica, em grande medida, a reordenações de natureza jurisdicional sofridas pela Vila de Areias; para uma análise mais aprofundada desse fenômeno, ver MOTTA (1990, p. 170-176).

(4) Sobre a evolução demográfica e o desenvolvimento cafeeiro observados em Bananal no período em foco, ver MOTTA (1988 e 1990).

zavam-se em tais plantéis, porcentual que se reduz para 71,3% em 1817 e alça-se a 79,1% em 1829. Varia no mesmo sentido a própria importância relativa desses plantéis com 10 ou mais escravos: eles eram 13 (29,5%) dentre os 44 plantéis existentes em 1801, participação que declina para 21,5% (26 dentre 121) em 1817 e atinge os 29,2% (57 dentre 195) em 1829. Correspondentemente, altera-se no sentido inverso a importância relativa dos plantéis formados por 4 ou menos cativos; esses plantéis menores eram 23 (52,3%) em 1801, 73 (60,3%) em 1817 e 97 (49,7%) em 1829.

É igualmente significativo o comportamento ao longo do tempo da "presença" mesma da propriedade escrava. Assim, em 1801 havia cativos em aproximadamente um terço (42, isto é, 33,9%) dos 124 fogos (domicílios) então existentes em Bananal. Essa proporção reduz-se para pouco mais de um quarto (26,9%) em 1817: 121 fogos com escravos em um total de 449 domicílios. Em 1829, a propriedade escrava fazia-se presente em 193 (45,9%) dos 420 fogos que compunham as 5ª e 6ª Cias. de Ordenanças da Vila de Areias. Adicionalmente, levando-se em conta de forma mais direta o advento da cafeicultura, observa-se que, em 1817, dos indivíduos livres que viviam em domicílios onde era anotada a produção de rubiácea, 43,8% residiam também em fogos onde não havia escravos; em 1829, o porcentual correlato era de 31,3%.

Em suma, verifica-se que, entre 1801 e 1817, tornou-se mais elevada a importância relativa dos domicílios nos quais não se contava com a mão-de-obra servil; mais ainda, no conjunto formado pelos plantéis de escravos, cresceu a participação relativa daqueles caracterizados pelo menor porte. Comportamento inverso é constatado entre 1817 e 1829; neste último ano, foi menor o peso relativo dos fogos sem cativos presentes e diminuiu também, considerando-se o conjunto dos plantéis de escravos, a importância relativa daqueles compostos por menos de 5 cativos. O primeiro dos períodos aludidos, portanto, foi aparentemente favorável à proliferação em Bananal dos indivíduos possuidores de poucos recursos, ao menos enquanto tais recursos são entendidos em termos da propriedade escrava. O segundo período, porém, já sugere a ocorrência de um certo movimento de concentração da posse da escravidão na localidade em questão.

A interpretação acima explicitada não encontra confirmação, todavia, quando se faz uso do índice de Gini como medida da concentração da riqueza - riqueza que, como visto, aqui se substitui pela variável *proxy* representada pela propriedade de cativos⁽⁵⁾ Tal índice, calculado com base no universo constituído pelos escravistas, assume valores muito próximos nos três anos selecionados: 0,631 em 1801, 0,649 em 1817 e 0,657 em 1829⁽⁶⁾ Esses valores semelhantes, contudo, encobrem marcantes disparidades, as quais não se revelam de imediato tendo em vista o entrecruzamento que se verifica entre as curvas de Lorentz atinentes a cada ano, delineadas em meio ao processo de construção do índice referido. Esta última afirmação pode ser visualizada a partir das Figuras 1, 2 e 3, apresentadas a seguir, de cada uma das quais se faz constar as curvas de Lorentz construídas para dois dos anos analisados. Em outras palavras, sendo o índice de Gini o resultado da divisão entre as áreas de duas figuras geométricas - uma delas delimitada pela dita curva de Lorentz - alterações no formato de tais figuras não são captadas em todos os casos com a devida precisão⁽⁷⁾

As mudanças ocorridas na distribuição da propriedade escrava entre os anos escolhidos podem ser melhor acompanhadas a partir dos informes apresentados na Tabela 1. Nessa tabela, segmentam-se os escravistas em 20 faixas ideais de igual tamanho, a primeira congregando os 5% mais "pobres" quanto à escravaria possuída e a vigésima sendo composta pelos 5% mais "ricos" em número de cativos. Fornece-se, para os 3 anos em foco, a partici-

- (5) Uma clara descrição do índice de Gini é a apresentada por Francisco Vidal Luna, que se transcreve a seguir: "o índice de Gini corresponde a um coeficiente estatístico, largamente utilizado para medir concentração de renda e riqueza. Constitui, na verdade, a relação entre áreas de um quadrado, construído de forma a representar, num dos eixos (o horizonte), a população segmentada em percentis e no outro (o vertical), a riqueza ou renda (também dividida em percentis) da coletividade estudada. Caso os detentores da renda (ou riqueza) e esta se distribuissem de maneira absolutamente igualitária, a cada ponto do eixo horizontal corresponderia outro na diagonal do quadrado. Como geralmente isso não ocorre, quando se plotam esses valores no quadrado, obtém-se uma curva, chamada de 'Lorentz'. Dividindo a área entre a curva de Lorentz e a diagonal pela área triangular sob a diagonal, determina-se o índice de Gini. Dessa forma, quanto mais regularmente se distribui a renda ou riqueza, mais próximo de zero estará o valor do índice (zero no limite); correlativamente, quanto mais concentrada estiver a riqueza ou renda, maior será o valor do aludido índice que, no máximo, iguala-se à unidade." (LUNA, 1981, p. 121, nota nº 4)
- (6) Considerando-se igualmente os chefes de domicílio não proprietários de escravos - em um procedimento similar ao adotado em CANABRAVA (1972, p. 113) -, tais valores alçam-se, respectivamente, a 0,871, 0,905 e 0,841.
- (7) Ver a formalização aritmética constante do APÊNDICE.

pação porcentual de cada uma dessas faixas no total da massa escrava possuída, bem como a participação acumulada, esta última referente à parcela relativa do total de cativos possuída pelos escravistas de cada faixa somada à parcela concernente aos escravistas das faixas anteriores. É oportuno lembrar que as curvas de Lorentz são traçadas exatamente com fundamento nos valores dessa participação acumulada.

A análise das informações constantes da Tabela 1 vem corroborar a hipótese de que a distribuição da propriedade escrava em 1817 marcava-se por um perfil mais igualitário do que o vigente em 1801. Assim, 8 das faixas ideais nas quais se segmentaram os proprietários aumentaram, entre esses dois anos, sua fatia relativa naquela distribuição. Em outras palavras, 40% dos escravistas "enriqueceram"⁽⁸⁾; mais ainda, desses proprietários que "enriqueceram", 87,5% - vale dizer, 35% do total de escravistas - inseriam-se na metade mais "pobre" em termos da quantidade de cativos possuída. Claro está, ressalte-se, que os ganhos não foram divididos equitativamente: as 7 faixas, localizadas entre as dez mais "pobres", que elevaram seu quinhão no total da escravaria, fizeram-no, conjuntamente, com uma variação de 2,0 pontos percentuais (correspondentes a 39,2% do quinhão possuído em 1801); a última das faixas "enriquecidas" - exatamente aquela formada já pelos proprietários melhor aquinhoados em cativos - teve sua fatia relativa aumentada em 7,7 pontos percentuais (correspondentes a 23,8% da fatia possuída em 1801).

Outrossim, os valores fornecidos na Tabela 1 corroboram a hipótese de que a distribuição da massa escrava em 1829 mostrava-se menos igualitária do que a observada em 1817. Dos 20 segmentos de proprietários, 12 diminuíram sua participação relativa no total de cativos possuídos. Três quintos, pois, do contingente de escravistas "empobreceram", sendo que dois quintos computavam-se entre os 50% mais "pobres" dentre eles.

(8) Utilizaram-se antes os termos "pobres" e "ricos" entre aspas porque se entende a posse de escravos como uma possível *proxy* para a riqueza. As aspas do termo "enriqueceram" - e em "empobreceram" no parágrafo seguinte - são devidas também a um segundo motivo: a maior parte dos escravistas não se compõe das mesmas pessoas nos 3 anos considerados.

FIGURA 1
CURVAS DE LORENTZ PARA A DISTRIBUIÇÃO
DA PROPRIEDADE ESCRAVA
(Bananal, anos selecionados)

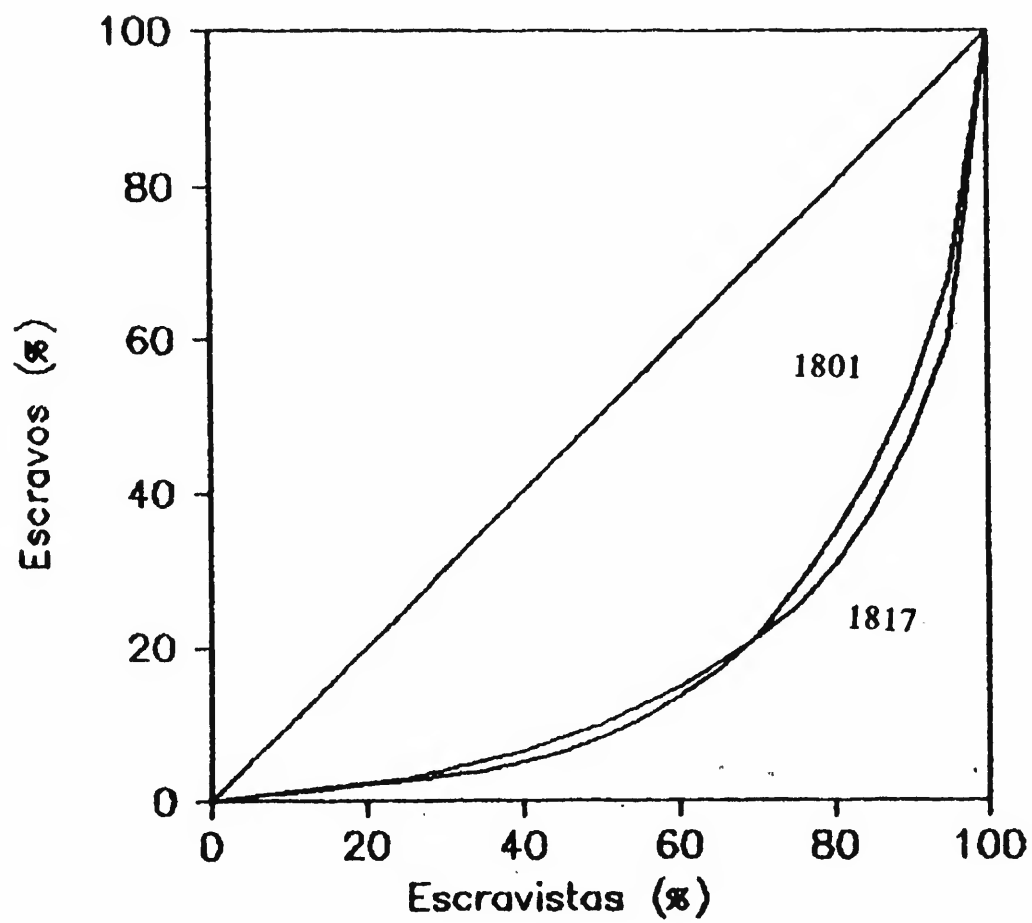


FIGURA 2
CURVAS DE LORENTZ PARA A DISTRIBUIÇÃO
DA PROPRIEDADE ESCRAVA
(Bananal, anos seleccionados)

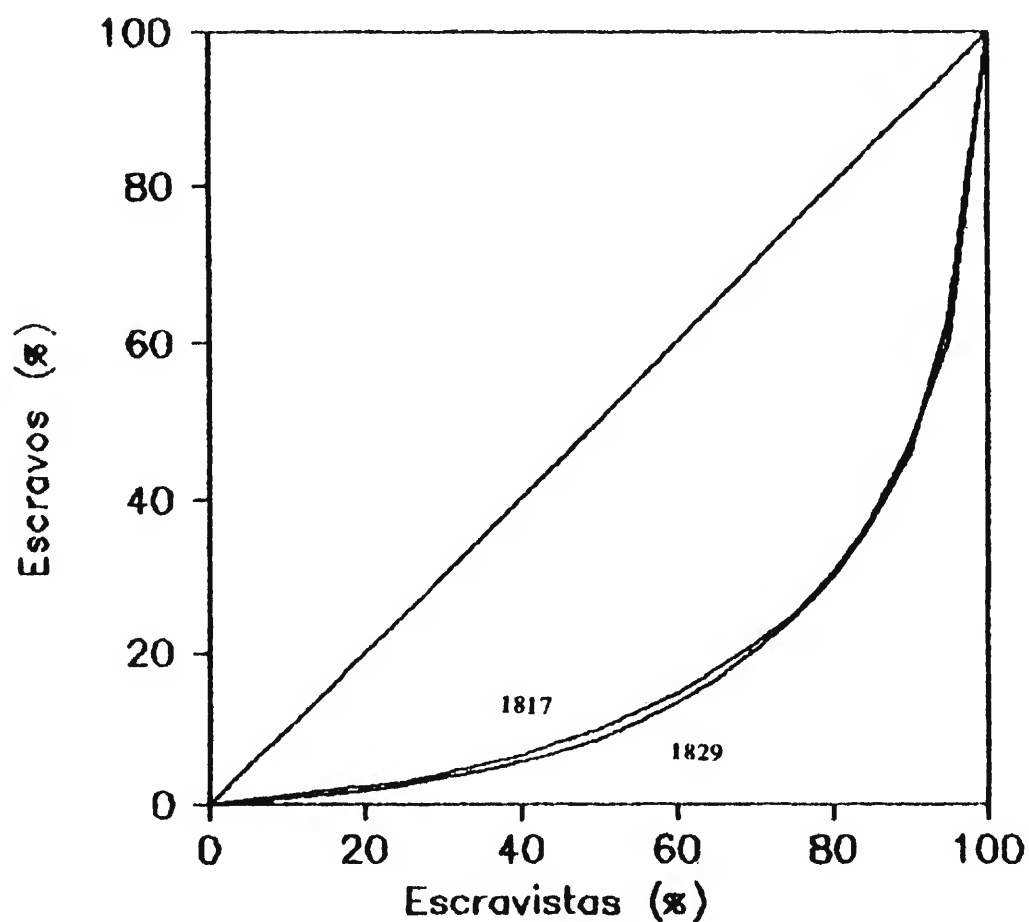
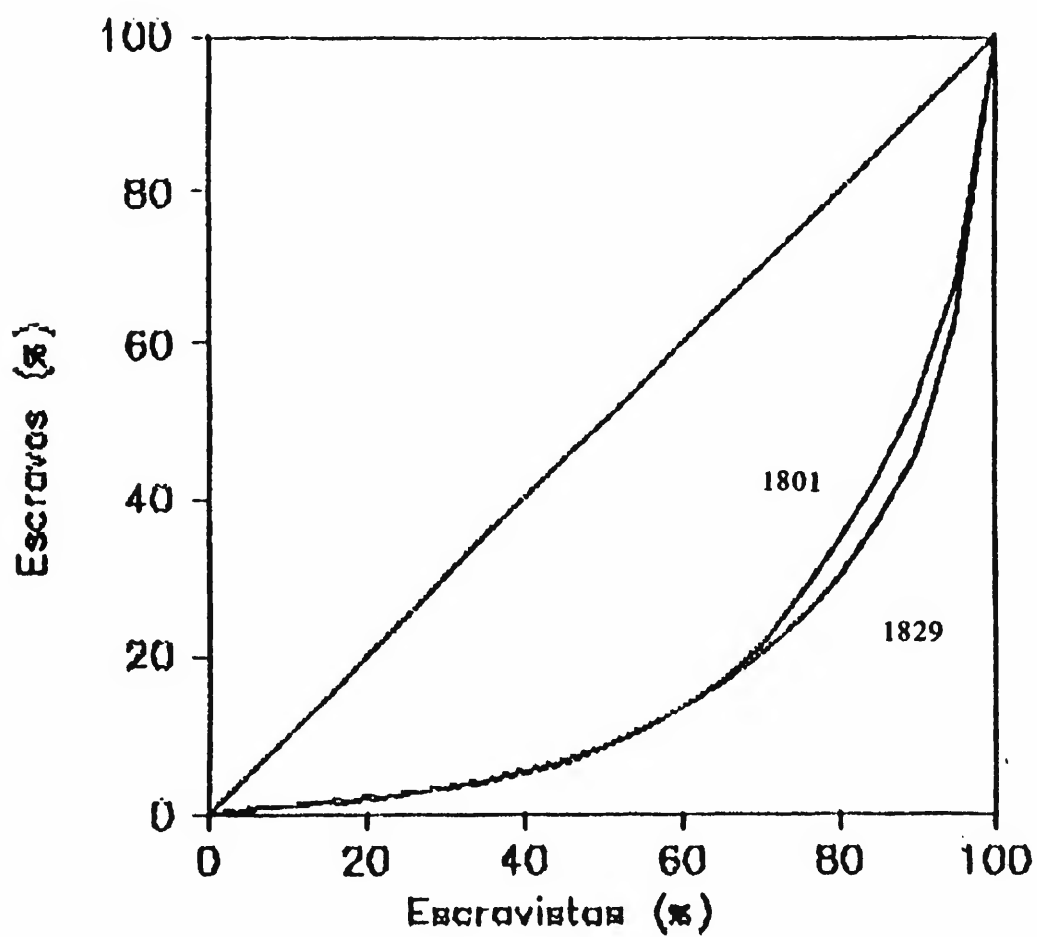


FIGURA 3
CURVAS DE LORENTZ PARA A DISTRIBUIÇÃO
DA PROPRIEDADE ESCRAVA
 (Bananal, anos selecionados)



A divisão das perdas, tal como a dos ganhos no período anterior, não foi equitativa, embora a disparidade verificada entre 1817 e 1829 fosse menos pronunciada do que a observada entre 1801 e 1817. Dessa forma, em 1829, para o total dos 8 segmentos, inseridos entre os 10 mais "pobres", que diminuíram a sua porção relativa na escravaria possuída, tal diminuição foi de 1,6 pontos percentuais (correspondentes a 27,7% da porção possuída em 1817). Para as outras 4 faixas dentre as 12 aludidas, o declínio foi da ordem de 3,9 pontos percentuais (correspondentes a 7,1% do quinhão relativo possuído em 1817)⁽⁹⁾

TABELA 1
DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DA PROPRIEDADE ESCRAVA
(Bananal, anos selecionados)

Escravistas (faixas em %)	1801		1817		1829	
	% do total de escravos	% acumu- lado do total de escravos	% do total de escravos	% acumu- lado do total de escravos	% do total de escravos	% acumu- lado do total de escravos
5 -	0,6	0,6	0,6	0,6	0,4	0,4
10 -	0,5	1,1	0,6	1,2	0,5	0,9
15 -	0,5	1,6	0,6	1,8	0,4	1,3
20 -	0,6	2,2	0,6	2,4	0,4	1,7
25 -	0,5	2,7	0,6	3,0	0,8	2,5
30 -	0,6	3,3	1,0	4,0	0,9	3,4
35 -	0,6	3,9	1,2	5,2	0,9	4,3
40 -	1,2	5,1	1,3	6,5	1,3	5,6
45 -	1,2	6,3	1,8	8,3	1,4	7,0
50 -	2,0	8,3	1,8	10,1	1,7	8,7
50 +	2,4	10,7	2,4	12,5	2,3	11,0
45 +	2,9	13,6	2,4	14,9	2,6	13,6
40 +	3,4	17,0	3,1	18,0	3,0	16,6
35 +	4,3	21,3	3,2	21,2	3,7	20,3
30 +	6,4	27,7	3,9	25,1	4,3	24,6
25 +	6,9	34,6	5,4	30,5	5,4	30,0
20 +	7,9	42,5	6,7	37,2	6,7	36,7
15 +	10,5	53,0	9,7	46,9	9,0	45,7
10 +	14,7	67,7	13,1	60,0	17,3	63,0
5 +	32,3	100,0	40,0	100,0	37,0	100,0

(9) A comparação direta entre os anos de 1801 e 1829 demanda maiores cautelas pois, em vez de dois, detectam-se quatro conjuntos de faixas de distribuição dos escravistas em que se alternam perdas e ganhos. E, realmente, as curvas de Lorentz construídas para esses dois anos entrecruzam-se duas vezes, conforme se depreende da observação da Figura 3.

TABELA 2
DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DOS PLANTÉIS POR FAIXAS
DE TAMANHO E SEGUNDO TRÊS ATIVIDADES
CARACTERÍSTICAS DOS DOMICÍLIOS
(Bananal, anos selecionados)

Atividade característica do domicílio	Faixas de Tamanho dos Plantéis						Total
	1-4	5-9	10-19	20-39	40-59	60 e +	
Ano de 1801							
- Produção de café							-
- Produção de açúcar/ aguardente	20,0 ^b			40,0	20,0	20,0	100,0
- Produção agrícola (demais) ^a	54,3	22,9	22,8				100,0
Ano de 1817							
- Produção de café	48,4	27,4	16,2	3,2	3,2	1,6	100,0
- Produção de açúcar/ aguardente			40,0	40,0		20,0	100,0
- Produção agrícola (demais) ^a	76,5	5,9	14,7	2,9			100,0
Ano de 1829							
- Produção de café	40,1	24,5	17,0	8,9	2,7	6,8	100,0
- Produção de açúcar/ aguardente						100,0	100,0
- Produção agrícola (demais) ^a	85,7	10,7	3,6				100,0

Notas: (a) Inclusive plantéis de "agricultores-novos habitantes", cuja produção não é explicitada.

(b) Trata-se de um plantel unitário cujo proprietário é agregado de um senhor de engenho possuidor de 84 cativos.

A distribuição porcentual dos plantéis de acordo com diversas faixas de tamanho, para três atividades características dos domicílios, apresentada na Tabela 2, sugere um possível aprofundamento da interpretação acerca das alterações descritas na estrutura da posse de cativos em Bananal ⁽¹⁰⁾ Em 1801, é marcante a distinção de tama-

(10) Os seguintes critérios foram adotados quanto à determinação da atividade característica do domicílio: ela seria a produção de café, sempre que tal lavoura se fizesse presente; em sua ausência, a atividade característica seria aquela que proporcionasse a maior renda monetária ao domicílio em questão.

nho entre os plantéis cuja atividade característica era a produção de açúcar e/ou aguardente, quase todos com 20 ou mais escravos, e aqueles caracterizados pela produção de outros gêneros agrícolas (em sua grande maioria produtores de mantimentos: arroz, feijão, milho e mandioca), todos com menos de 20 cativos. Já a cafeicultura destoa das duas outras atividades referidas, pois, ao difundir-se na localidade em questão, far-se-á rapidamente presente em todas as faixas consideradas de tamanho dos plantéis. Esse traço distintivo do cultivo do café em Bananal - caracterizar-se como uma atividade econômica viável seja para indivíduos com maiores ou menores recursos - é fundamental. De fato, como visto, inclusive indivíduos que não possuíam escravos dedicavam-se à cafeicultura; este era o caso, por exemplo, dos responsáveis pelas modestas produções da rubiácea registradas nas listas nominativas de 1799 e 1802. Dessa forma, a lavoura cafeeira decerto representou um estímulo econômico a mais para o estabelecimento da população em uma região que, como a aqui analisada, localizava-se em área de povoamento relativamente recente e apresentava-se como pólo de atração demográfica em incios do século passado.

A observação dos valores do número médio de cativos possuídos por escravista, segundo atividade característica do domicílio, fornecidos na Tabela 3, confirma a idéia de uma posição "intermediária" dos produtores de café *vis-à-vis* os produtores de açúcar/aguardente e os demais agricultores⁽¹¹⁾ E, muito embora a média de escravos dos produtores de café em 1817 (10,40) fosse maior do que a verificada para o total de escravistas naquele ano (8,35) - e inclusive maior também do que a média geral calculada para 1801 (9,11) - é sintomático, entre os dois anos referidos, o aumento do número de pequenos proprietários de cativos arrolados nas listas nominativas como "agricultores - novos habitantes" ou simplesmente como "novos habitantes" ⁽¹²⁾

Em 1801, havia 2 escravistas "novos habitantes", um com 2 e o outro com um único escravo; já em 1817, os senhores "novos habitan-

(11) Para uma comparação entre os valores constantes da Tabela 3 e os verificados para outras localidades e períodos diversos, ver, entre outros, COSTA (1987), COSTA & NOZOE (1989), LUNA (1981), LUNA (1986), LUNA & COSTA (1983), LUNA & KLEIN (1990) E SCHWARTZ (1983).

(12) Ou ainda, respectivamente, como "agricultores novos" ou como "novos principiantes".

tes" eram 11 e possuíam em média 2,09 cativos (6 deles eram proprietários de plantéis unitários). Ainda em 1817, havia 6 escravistas "agricultores novos habitantes", um com 2 e os demais com apenas 1 escravo; esta última categoria inexistia em 1801⁽¹³⁾ Em outras palavras, não se pode afirmar que o cultivo do café tenha sido o responsável direto pelo declínio havido no tamanho médio dos plantéis entre 1801 e 1817. Não obstante, dado o perfil da estrutura de propriedade escrava dos elementos livres que chegavam à localidade entre aqueles dois anos, é possível que a cafeicultura, tendo em vista sua acessibilidade e o atrativo desta decorrente, tenha contribuído para a conformação de um ambiente propício à proliferação mais que proporcional dos plantéis menores em Bananal ao longo dos três primeiros lustros do século XIX.

TABELA 3
NÚMERO MÉDIO DE ESCRAVOS POSSUÍDOS POR PROPRIETÁRIO
CONSOANTE ATIVIDADE CARACTERÍSTICA DO DOMICÍLIO
 (Bananal, anos selecionados)

Atividade característica do domicílio	1801	1817	1829
Produção de café		10,40	13,81
Produção de açúcar/ aguardente	35,20	32,00	105,00 ^c
Produção de outros gêneros agrícolas	5,49	5,54 ^b	2,58
"Agricultores-novos habitantes"		1,17	2,00
Atividades não agrícolas	15,00 ^a	2,22	4,00
"Novos habitantes"	1,50	2,09	-

Notas: (a) Trata-se de uma fazendeira criadora de animais, com 28 cativos, e de um ferreiro, com 2 escravos.

(b) Inclusive um escravista arrolado tão-somente como "agricultor", com 15 cativos.

(c) Trata-se de um único plantel com 105 escravos.

(13) Em 1829 eram 2 os escravistas "agricultores novos habitantes", cada um deles com 2 cativos, e não se anotou nenhum proprietário de escravos "novo habitante".

Contudo, entre 1817 e 1829, como se constata ainda com base na Tabela 2, a lavoura cafeeira em certa medida deslocou-se dos menores para os maiores plantéis. Dessa forma, a participação relativa daqueles com menos de 10 escravos no total de plantéis que produziam a rubiácea, que era de 75,8% em 1817, cai para 64,6% em 1829; correspondentemente, cresce a participação correlata dos plantéis com 60 ou mais cativos, de 1,6% em 1817 para 6,8% em 1829. Cresce, outrossim, o número médio de escravos possuídos pelos produtores de café. A referida média, como se observa na Tabela 3, que se igualava a 10,40 em 1817, alçou-se a 13,81 em 1829. É como se, entre esses dois últimos anos, o café houvesse "conquistado" os plantéis de maior tamanho⁽¹⁴⁾

Em 1817, dentre os 7 maiores plantéis de Bananal (todos os 7 com mais de 30 e 1 com mais de 80 cativos), 2 produziam açúcar e não produziam café, os 5 restantes produziam café e açúcar e/ou aguardente. Em 1829, dos 16 plantéis de maior tamanho (todos com mais de 30 e 6 com mais de 80 escravos), tão-somente 1 produzia açúcar e não produzia café, também apenas 1 produzia café e açúcar e/ou aguardente, enquanto que 14 produziam café e não produziam açúcar⁽¹⁵⁾. Simultaneamente, pois, entre 1817 e 1829 os maiores plantéis tornavam-se mais numerosos e, neles, o café ia se firmando e substituindo o açúcar como principal gênero visando ao comércio de exportação. Em suma, a lavoura cafeeira, em seu desenvolvimento, cada vez mais evoluía em direção a uma agricultura de *plantation* e o evoluer da estrutura da posse de escravos nesse período refletiu, ao que tudo indica, a direção desse desenvolvimento.

Características dos Cativos

À medida que a cafeicultura se desenvolvia em Bananal e, concomitantemente às mudanças ocorridas quanto à estrutura da posse de cativos, alterava-se significativamente o perfil da população escrava existente na localidade, a começar da própria quantidade de indivíduos que compunham a referida população: 401 em 1801, 1010 em 1817 e 2282 em 1829. Um incremento, pois, de 151,9% entre os dois primeiros e de 125,9% entre os dois últimos anos considerados. Tem-se, dessa forma, uma evolução demográfica marcada pela entrada de um grande contingente de cativos os quais, de fato, conformaram uma população "imigrante" cujas características demográficas destoaram, em boa medida, daquelas possuídas pelos escravos que viviam em Bananal ao despontar do século passado.

(14) Sobre os motivos de grafar-se o termo "conquistado" entre aspas, além do evidente sentido figurativo, cabe a mesma observação efetuada à nota 8 retro, no que diz respeito aos termos "enriqueceram" e "empobreceram".

(15) Por não serem relevantes para o raciocínio desenvolvido neste parágrafo, não se explicitam os demais gêneros que também eram produzidos nos plantéis aludidos; por exemplo, todos os 23 plantéis citados produziam mantimentos.

Nos Gráficos 1 e 2 é apresentado, segundo diversos atributos dos cativos, o evolver da distribuição porcentual da população escrava no decurso do período aqui contemplado, evidenciando-se suas linhas de tendência. Nota-se, de início, a partir do Gráfico 1, que os homens, que já eram majoritários em 1801, aumentam ainda mais sua supremacia numérica ao longo do tempo. Assim, a razão de masculinidade entre os escravos, que era de 138,7 em 1801, passa a 179,8 em 1817 e a 218,6 em 1829. De outra parte, os indivíduos na faixa etária dos 15 aos 59 anos, que já compunham a grande maioria da massa escrava em 1801, têm sua importância relativa acrescida em 1817 e, novamente, em 1829. Tomando-se o contingente masculino isoladamente, os percentuais atinentes à faixa etária em questão igualam-se a 75,5% em 1801, 77,7% em 1817 e 81,2% em 1829.

GRÁFICO 1
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ESCRAVA
SEGUNDO SEXO, IDADE E ORIGEM
(Bananal, anos selecionados)

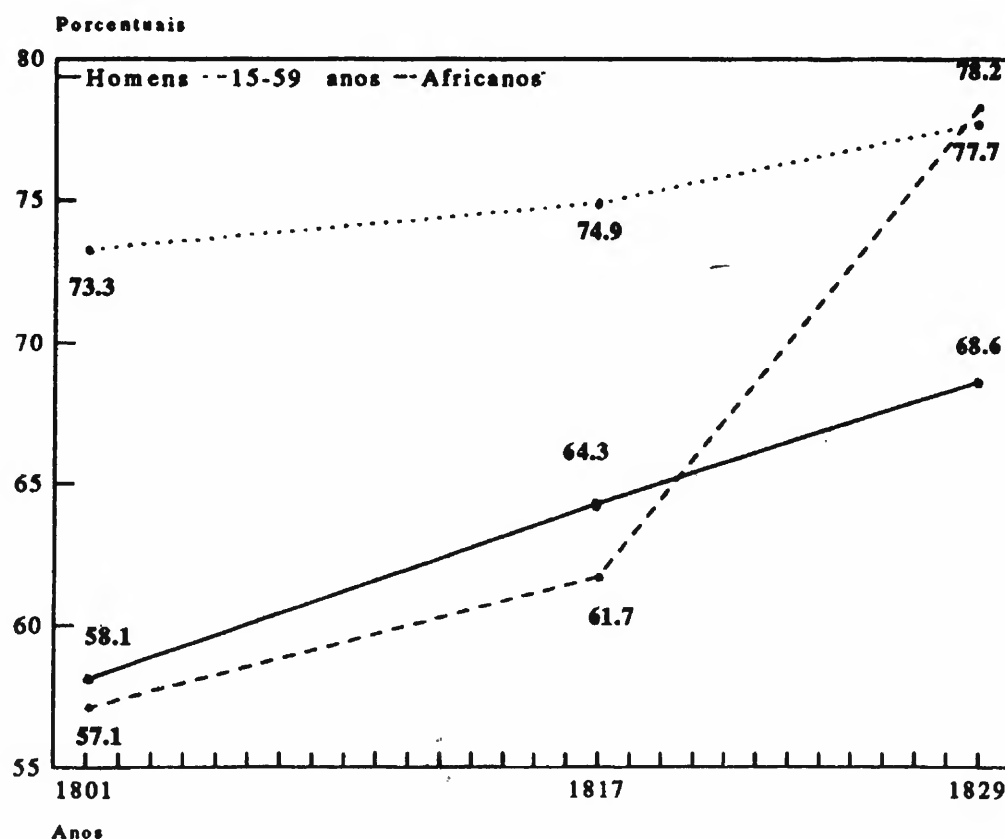
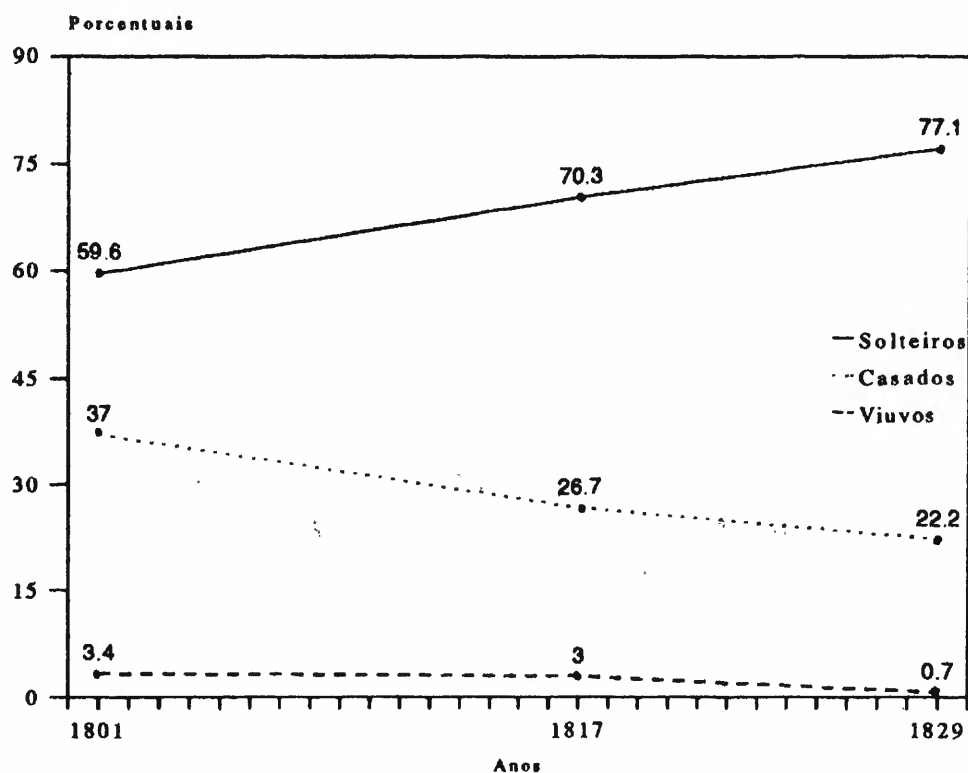


GRÁFICO 2
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ESCRAVA (a)
SEGUNDO O ESTADO CONJUGAL
 (Bananal, anos selecionados)



(a) com 15 ou + anos de idade

É também crescente, como se atesta ainda com base no Gráfico 1, e sempre superior a 50%, a participação relativa dos africanos entre os cativos de Bananal. Mais ainda, entre os escravos africanos, é maior a superioridade numérica do elemento masculino; a razão de masculinidade, computados tão-somente os cativos provenientes da África, atingiu os valores de 175,9 em 1801, 227,9 em 1817 e 283,0 em 1829. Com relação ao estado conjugal percebe-se, ao observar-se o Gráfico 2, que, considerada a população escrava com 15 ou mais anos de idade, a maioria é constituída de solteiros, os quais têm seu peso relativo cada vez mais elevado ao longo do tempo. Não obstante, é significativa a participação relativa dos cativos casados ou viúvos, principalmente entre as mulheres: em 1801, 52,5% das escravas eram casadas ou viúvas; em

1817 e em 1829 o percentual correspondente igualou-se, respectivamente, a 43,5% e a 40,3%.

Nas Tabelas 4 e 6, os mesmos atributos contemplados nos Gráficos 1 e 2 são tomados levando-se em conta adicionalmente a variável faixa de tamanho dos plantéis. A primeira das tabelas aludidas permite verificar como evoluiu ao longo das três décadas iniciais do século passado a composição dos plantéis. O esperado - que se corrobora, inclusive, em uma primeira aproximação, já a partir dos informes constantes do Gráfico 1 - seria que a composição ótima desejada, mormente à medida que se vivenciava em Bananal o desenvolvimento econômico fundado na cafeicultura, fosse cada vez mais aquela que privilegiasse os elementos do sexo masculino em idade produtiva e, em decorrência, os indivíduos africanos, uma vez que a importação de cativos consubstanciar-se-ia na forma mais rápida para a obtenção da composição desejada. De fato, observa-se que, no decurso do período em questão, para todas as faixas consideradas de tamanho dos plantéis, mostra-se crescente, na maior parte dos casos, o predomínio dos escravos homens, dos africanos e dos indivíduos com idades entre 15 e 59 anos.

É de se notar que a suposta composição ótima dos plantéis desejada possa ter sido alcançada pelos escravistas independentemente de seu porte. Inclusive, é exatamente entre os menores proprietários - com 4 ou menos cativos - que ocorre a mais significativa alteração na composição sexual da massa escrava possuída, que era predominantemente feminina em 1801, no sentido da supremacia numérica masculina; dessa forma, em tais plantéis, 40,5% dos cativos eram homens em 1801, percentual que atinge os 65,1% em 1817 e vai a 70,6% em 1829. É também nesses plantéis de menor tamanho que se detecta um dos maiores aumentos da importância relativa dos escravos oriundos da África, que evolui de 54,1% em 1801 para 62,5% em 1817 e 84,3% em 1829. Ademais, quanto à distribuição etária dos cativos, dentre aqueles com idades entre 15 e 59 anos, ainda na primeira das faixas de tamanho consideradas, 100% tinham entre 15 e 39 anos em 1801, percentual que se iguala a 88,6% em 1817 e a 93,7% em 1829. Na tabela 5 é fornecida a distribuição etária dos escravos com idades entre 15 e 59 anos, para cada uma das faixas consideradas de tamanho dos plantéis.

TABELA 4
DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DA ESCRAVARIA SEGUNDO SEXO,
ORIGEM E FAIXAS ETÁRIAS, E DE ACORDO COM DIFERENTES
FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS
(Bananal, anos selecionados)

Ano / F.T.P.	Sexo			Origem			Faixas Etárias			
	H	M	Tot.	Afr.	Col.	Tot.	0-14	15-59	60 e+	Tot.
1801										
1- 4	40,5	59,5	100,0	54,1	45,9	100,0	27,0	73,0		100,0
5- 9	62,0	38,0	100,0	68,0	32,0	100,0	34,0	64,0	2,0	100,0
10-19	65,8	34,2	100,0	56,8	43,2	100,0	28,8	71,2		100,0
20-29	60,8	39,2	100,0	46,8	53,2	100,0	22,8	75,9	1,3	100,0
30-39		-					-	-		
40 e+	53,2	46,8	100,0	60,5	39,5	100,0	21,8	77,4	0,8	100,0
Totais	58,1	41,9	100,0	57,1	42,9	100,0	25,9	73,3	0,8	100,0
1817										
1- 4	65,1	34,9	100,0	62,5	37,5	100,0	28,3	69,1	2,6	100,0
5- 9	64,5	35,5	100,0	63,8	36,2	100,0	29,7	69,6	0,7	100,0
10-19	60,3	39,7	100,0	48,3	51,7	100,0	27,7	69,4	2,9	100,0
20-29	69,8	30,2	100,0	51,2	48,8	100,0	23,3	74,4	2,3	100,0
30-39	76,5	23,5	100,0	81,4	18,6	100,0	5,9	93,1	1,0	100,0
40 e +	62,2	37,8	100,0	65,5	34,5	100,0	20,1	78,4	1,5	100,0
Totais	64,3	35,7	100,0	61,7	38,3	100,0	23,2	74,9	1,9	100,0
1829										
1- 4	70,6	29,4	100,0	84,3	15,7	100,0	21,8	77,7 ^a	0,5	100,0
5- 9	67,9	32,1	100,0	79,6	20,4	100,0	24,3	74,6	1,1	100,0
10-19	66,2	33,8	100,0	72,5	27,5	100,0	23,6	75,6	0,8	100,0
20-29	69,7	30,3	100,0	82,8	17,2	100,0	24,1	75,2	0,7	100,0
30-39	74,2	25,8	100,0	64,5	35,5	100,0	19,4	80,6		100,0
40 e+	68,9	31,1	100,0	78,0	22,0	100,0	18,7	79,8	1,5	100,0
Totais	68,6	31,4	100,0	78,2	21,8	100,0	21,1	77,7	1,2	100,0

Notas: F.T.P.= Faixas de Tamanho dos Plantéis;

H = Homens; M = Mulheres; Tot. = Total;

Afr.= Africanos; Col. = Coloniais.

(a) Inclusive um cativo com idade indeterminada, provavelmente entre 15 e 59 anos.

TABELA 5
DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DOS CATIVOS COM IDADES
ENTRE 15 E 59 ANOS DE ACORDO COM
FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS
(Bananal, anos selecionados)

F.T.P.	Faixas Etárias dos Escravos/Anos					
	15 a 39 anos			40 a 59 anos		
	1801	1817	1829	1801	1817	1829
1-4	100,0	88,6	93,7	zero	11,4	6,3
5-9	65,0	92,3	94,0	35,0	7,7	6,0
10-19	83,9	81,4	91,0	16,1	18,6	9,0
20-29	65,7	90,5	94,6	34,3	9,5	5,4
30-39		85,1	100,0	-	14,9	zero
40 e+	86,7	88,2	93,1	13,3	11,8	6,9

Nota: F.T.P. = Faixas de Tamanho dos Plantéis.

Na Tabela 6 privilegia-se o atributo concernente ao estado conjugal dos cativos, fornecendo-se a distribuição porcentual dos escravos casados ou viúvos de acordo com o sexo e segundo faixas etárias e de tamanho dos plantéis. Três inferências básicas devem ser enfatizadas, sendo que duas delas verificam-se quando se consideram isoladamente cada um dos anos selecionados. Assim, constata-se para 1801, 1817 e 1829 que o peso relativo dos escravos casados ou viúvos aumenta, na maior parte dos casos, juntamente com a idade dos cativos, e também à medida que cresce o tamanho dos plantéis⁽¹⁶⁾. A terceira das inferências mencionadas diz respeito, numa perspectiva temporal, ao fato de que em Bananal percebe-se uma tendência em geral declinante da importância relativa dos escravos casados ou viúvos.

(16) Cabe ressaltar que o pequeno número de observações nas faixas etárias superiores compromete a interpretação dos percentuais e elas concernentes.

TABELA 6
DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DOS ESCRAVOS CASADOS OU VIÚVOS
DE ACORDO COM O SEXO, E SEGUNDO FAIXAS ETÁRIAS
E DE TAMANHO DOS PLANTÉIS^a
(Bananal, anos selecionados)

Faixas etárias	Homens			Mulheres			Total		
	FTP			FTP			FTP		
	1-4	5-9	10 ou +	1-4	5-9	10 ou +	1-4	5-9	10 ou +
A. 1801									
0-14	zero	zero	zero	zero	zero	zero	zero	zero	zero
15-24	12,5	zero	17,0	9,1	25,0	52,9	10,5	10,0	34,6
25-34	zero	20,0	39,6	zero	33,3	72,0	zero	27,3	50,0
35-44		33,3	54,2		100,0	69,2		42,9	59,5
45-54		50,0	50,0		zero	100,0		33,3	57,1
55-64		50,0	100,0			100,0		50,0	100,0
Totais	6,7	16,1	27,3	4,5	21,1	45,7	5,4	18,0	34,7
B. 1817									
0-14	zero	zero	zero	zero	zero	1,6	zero	zero	0,7
15-24	zero	2,9	6,3	zero	14,3	28,7	zero	6,1	13,3
25-34	zero	21,7	34,5	14,3	30,0	68,6	4,3	24,2	47,3
35-44	42,9	zero	67,3	60,0	zero	81,5	50,0	zero	72,1
45-54	zero	zero	66,7	zero	50,0	55,5	zero	25,0	63,3
55-64	50,0		66,7	zero		80,0	33,3		72,7
65-74	zero		50,0	-		50,0	zero	-	50,0
75 e +		zero	33,3					zero	33,3
Totais	4,0	6,7	23,0	7,5	12,2	40,5	5,3	8,7	29,3
C. 1829^b									
0-14	zero	zero	zero	zero	zero	2,4	zero	zero	1,1
15-24	2,9	5,7	6,9	9,1	30,3	38,1	4,4	12,5	16,4
25-34	8,8	14,9	28,3	10,0	27,8	57,7	9,1	18,5	35,6
35-44	25,0	15,4	36,1	20,0	40,0	60,6	23,1	22,2	42,3
45-54	zero	66,7	36,4	zero	zero	25,0	zero	40,0	32,3
55-64		50,0	37,5		100,0	40,0		66,7	38,1
65-74			50,0	zero	zero		zero	zero	50,0
75 e +			50,0						50,0
Totais	5,1	8,9	14,9	6,9	20,0	32,7	5,6	12,5	20,5

Notas: FTP = Faixas de Tamanho dos Plantéis

(a) Porcentuais calculados, internamente a cada FTP, sobre os efetivos correspondentes a cada faixa etária.

(b) Exclusive um homem solteiro com idade indeterminada, provavelmente entre 15 e 59 anos.

A observação atenta da tabela em foco possibilita precisar um pouco melhor a última das inferências acima arroladas. De um lado, a queda na participação relativa dos casados ou viúvos dá-se particularmente nos plantéis com 10 ou mais escravos. De outro, em especial nesses plantéis de maior tamanho, aparentemente o peso relativo daqueles indivíduos evolui de maneira distinta segundo as diferentes faixas etárias. Em 1817, comparado a 1801, os casados ou viúvos faziam-se menos importantes nas faixas etárias dos 15 aos 24 anos (13,3% *versus* 34,6%) e dos 25 aos 34 anos (47,3% *versus* 50,0%), ao passo que se faziam mais importantes na faixa etária subsequente (dos 35 aos 44 anos: 72,1% *versus* 59,5%). Esse comportamento é verificado inclusive quando se observam homens e mulheres em separado. Já em 1829, comparado a 1817, os casados ou viúvos são menos importantes na faixa dos 35 aos 44 anos (42,3% *versus* 72,1%), mas recuperaram um pouco a sua relevância na faixa etária dos 15 aos 24 anos (16,4% *versus* 13,3%). Em suma, talvez esses dados estejam a indicar, em uma primeira aproximação, um envelhecimento da parcela da população escrava formada pelos indivíduos casados ou viúvos entre 1801 e 1817 - movimento que se reverte entre 1817 e 1829.

Considerações Finais

A penetração da cafeicultura em Bananal, ocorrida nas décadas iniciais do século XIX, teve como importante traço distintivo sua rápida difusão entre os escravistas, tanto entre aqueles possuidores de pequeno número de cativos como entre os senhores de plantéis de maior tamanho, e inclusive entre os indivíduos que não contavam com o concurso da mão-de-obra servil. Cabe salientar que, o mais das vezes, para os não-escravistas e também para os proprietários de menor porte, a lavoura cafeeira, voltada precipuamente à comercialização, tinha o significado de um desdobramento possível, a partir de uma agricultura puramente de subsistência, perante a qual se colocava como uma atividade subsidiária.

Para os escravistas de maior porte, por outro lado, o café pode ter sido, de início, em alguns casos, secundário com relação ao açúcar, mas sua natureza - de produção visando à comercialização - esteve, mesmo nesses casos, sempre

em primeiro plano. A disseminação da atividade comercializável, ademais, ainda que amiúde com caráter acessório, acarretou sensível elevação nos níveis de monetização da economia interna à região. Assim, sintomaticamente, se em 1801 não existiam negociantes entre os proprietários de escravos de Bananal, eles eram já em número de 3 em 1817 e, em 1829, 14 dentre os escravistas desempenhavam atividades vinculadas ao comércio (para 12 deles, essas atividades eram "características" de seus domicílios).

A análise da evolução da estrutura da posse de cativos sugere a existência de dois momentos distintos em meio à introdução do cultivo da rubiácea na localidade estudada. No primeiro deles, aqui representado pelo período entre os anos de 1801 e 1817, a difusão da cafeicultura, ao que parece, contribuiu para que se estabelecesse um ambiente propício à proliferação de indivíduos com menores recursos, recursos esses medidos em termos da magnitude da escravidão possuída. No segundo dos momentos aludidos, a atividade cafeeira dá mostras de evoluir decididamente no sentido de uma agricultura de *plantation*; de fato, entre 1817 e 1829, o café como que "conquista" a primazia entre as atividades empreendidas pelos plantéis de maior tamanho.

Concomitantemente ao desenvolvimento econômico havido em Bananal, e a ele ligadas por uma relação de mútuo condicionamento, as características demográficas da população cativa sofrem alterações significativas ao longo das três décadas contempladas por este estudo. O total de escravos multiplica-se por 2,5 aproximadamente, entre 1801 e 1817, e por algo como 2,3 entre 1817 e 1829. A descrição da população cativa segundo diversos atributos demográficos revela a preferência dos escravistas de Bananal, qual seja, a importação de cativos africanos do sexo masculino em idade produtiva. O cômputo da variável faixa de tamanho dos plantéis indica, adicionalmente, que dita preferência concretizava-se independentemente do porte dos escravistas bananalenses. A entrada maciça na região de escravos com tais características acarreta, outrossim, a diminuição da importância relativa das relações de caráter familiar existentes entre eles. Não obstante, a aparente reversão, entre 1817 e 1829, do "envelhecimento" dos escravos casados ou viúvos ocorrido entre 1801 e 1817, denota que eventualmente tenha se iniciado uma etapa de constituição de famílias cativas em meio ao segundo subperíodo considerado ⁽¹⁷⁾

(17) Ressalte-se que os dados acerca do estado conjugal permitem tão-somente uma primeira aproximação à análise das relações familiares entre os cativos; para um estudo minucioso a respeito da evolução da família escrava em Bananal no período em foco, que extrapola a simples informação concernente ao estado conjugal dos cativos, ver MOTTA (1990, cap. V e VI).

Referências Bibliográficas

- CANABRAVA, A.P. Uma economia de decadência: os níveis de riqueza na capitania de São Paulo, 1765/67. *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, FGV, v. 26, n.4, p. 95-123, 1972.
- COSTA, I. Nota sobre a posse de escravos nos engenhos e engenhocas fluminenses (1778). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, IEB/USP, v. 28, (1988), p. 111-113, 1987.
- COSTA, I. & NOZOE, N.H. Elementos da estrutura de posse de escravos em Lorena no alvorecer do século XIX. *Estudos Econômicos*. São Paulo, IPE/USP, v. 19, n. 2, p. 319-345, maio/ago.1989.
- GINI, C. *Curso de Estadística*. Barcelona, Editorial Labor S.A., 1935.
- LUNA, F.V. *Minas Gerais: escravos e senhores análise da estrutura populacional e econômica de alguns centros mineratórios (1718-1804)*. São Paulo : IPE/USP; 1981 (Ensaio Econômico, n. 8) .
- _____. *Posse de escravos em Sorocaba (1778-1836)*. São Paulo, IPE/USP, 1986. (21 p., mimeografado)
- _____. & COSTA, I. Posse de escravos em São Paulo no início do século XIX. *Estudos Econômicos*. Economia Escravista Brasileira. São Paulo, IPE/USP, v. 13, n. 1, p. 211-221, jan./abr. 1983.
- LUNA, F. V. & KLEIN, H. S. Escravos e senhores no Brasil no início do século XIX: São Paulo em 1829. *Estudos Econômicos*. São Paulo, IPE/USP, v. 20, n. 3, p. 349-379, set./dez.1990.
- MOTTA, J. F. *Listas nominativas de habitantes: normas para a coleta de dados*. Documento para discussão. São Paulo, IPE/ANPUH, 46 p., 1985. (mimeografado)
- _____. A família escrava e a penetração do café em Bananal, 1801-1929. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. São Paulo, ABEP, v. 5, n. 1, p. 71-101, 1988.
- _____. *Corpos escravos, vontades livres - estrutura da posse de cativos e família escrava em um núcleo cafeeiro (Bananal, 1801-1829)*. Tese de Doutorado. São Paulo, FEA/USP, 537 p., 1990. (mimeografado)
- SCHWARTZ, S. B. Padrões de propriedade de escravos nas Américas: nova evidência para o Brasil. *Estudos Econômicos*. Economia Escravista Brasileira. São Paulo, IPE/USP, v. 13, n. 1, p. 259-287, jan./abr. 1983.

Apêndice

Uma melhor percepção dos efeitos do entrecruzamento das curvas de Lorentz talvez seja alcançada através da formalização aritmética do processo de obtenção do índice de Gini. Tomando por referência a Figura A1 abaixo, chega-se ao Índice aludido, aritmeticamente, com base na seguinte fórmula:

$$G = \frac{\sum_{i=1}^{n-1} (p_i - q_i)}{\sum_{i=1}^{n-1} p_i} \quad (1)$$

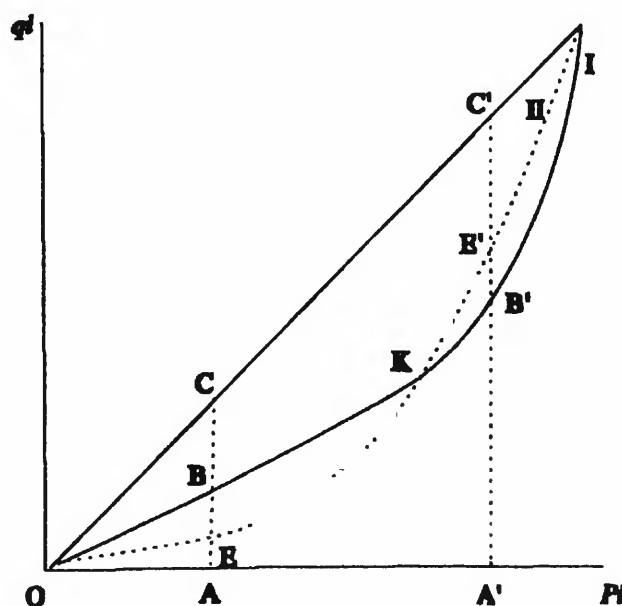
Para as curvas de Lorentz I e II, na Figura A1, observa-se que, quando $p_i = OA$, os numeradores da fórmula (1) correspondem a:

para a curva I: $AC - AB = BC$

para a curva II: $AC - AE = EC$

onde $AC = OA$ (lados de um quadrado) e $EC > BC$.

FIGURA A1



Porém, após o entrecruzamento das curvas no ponto K, os numeradores da fórmula (1) para a curva II passam a ser menores do que os numeradores calculados para a curva I. Assim, por exemplo, quando $P_i = OA'$, tem-se:

$$\text{para a curva I: } A'C' - A'B' = B'C'$$

$$\text{para a curva II: } A'C' - A'E' = E'C'$$

onde $A'C' = OA'$ (lados de um quadrado) e $E'C' < B'C'$

Portanto, eventualmente, ao computarem-se os somatórios $\sum (p_i - q_i)$ para as curvas I e II consideradas, os maiores valores verificados no caso da curva II antes do ponto K venham a ser compensados pelos menores valores observados a partir daquele ponto, obtendo-se resultados semelhantes, senão mesmo idênticos, para o índice G, ainda que as distribuições representadas pelas curvas em questão sejam claramente distintas. Assim, no exemplo da Figura A1 supondo-se que se representam as distribuições da riqueza de uma dada localidade no momento t_0 (curva I) e t_1 (curva II), percebe-se que os indivíduos mais pobres (segmento OA) tiveram diminuída sua participação na riqueza total, de AB em t_0 para AE em t_1 ; quando se agregam também indivíduos mais ricos (por exemplo, tomando-se o segmento OA'), constata-se o aumento na riqueza possuída, de A'B' em t_0 para A'E' em t_1 . Vê-se, pois, que alterações significativas na distribuição da riqueza podem não ser captadas em toda a sua extensão pelo Índice de Gini, por força das formas distintas assumidas pelas Curvas de Lorentz.

Na verdade, como salienta o próprio Gini, índices de concentração como o aqui utilizado "(...) são chamados *índices de distribuição média*, porque constituem uma média das diferenças

entre as quantidades (...). Ditos índices servem para medir (...) a concentração, porém não nos proporcionam uma idéia sobre a forma de curva de distribuição {vale dizer, da curva de Lorentz - JFM }"
(GINI, 1935, p.179)

Originais recebidos em julho de 1991. Revistos pelo autor em dezembro de 1991.